



POVO ALGARVIO



SEMANÁRIO REGIONALISTA — DIRECTOR E PROPRIETÁRIO: MANUEL VIRGÍNIO PIRES

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO ≡ RUA DR. PARREIRA, 13 ≡ TELEFONE 22503 ≡ TAVIRA ≡ COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO ≡ TIPOGRAFIA «POVO ALGARVIO» ≡ TELEFONE 22622 ≡ TAVIRA

TAVIRA

A cidade de Tavira é das mais agradáveis povoações do Algarve pela beleza da sua situação: uma formosa ponte de cantaria e de sete arcos dá comunicação entre as partes em que a divide o pequeno rio Asseca; na margem direita deste fica uma vistosa praça rectangular enobrecida pelos paços do concelho cujo frontispício assenta sobre a bela arcada de cantaria, na qual e na praça se faz diariamente abundante mercado: num angulo daquela existe embutida a figura da cabeça de um homem, feita de pedra, e que a tradição diz representar o esforçado D. Paio Peres Correia, que tomou aos mouros esta cidade, reinando D. Sancho 2.º.

Tavira oferece linda perspectiva a quem a contempla entrando pelo rio: para qualquer dos lados se descobrem fazendas de vinhas e arvoredos, alvejando por entre elas os casais branqueados, e notando-se os vários cursos dos regatos, que lhes prestam frescura e fertilidade; vêem-se na margem as marinhãs, choças de pescadores, e moinhos, e aquíém e além da ponte os edifícios da cidade bem caídos fazendo contraste com os seus quintais espaçosos cheios de verdura: fecha o horizonte a serra coberta de árvores de folhagem perene, como alfarrobeiras, oliveiras e medroneiros, a par das figueiras, amendoeiras e cepas, que matizam a paisagem nas estações próprias, juntamente com as

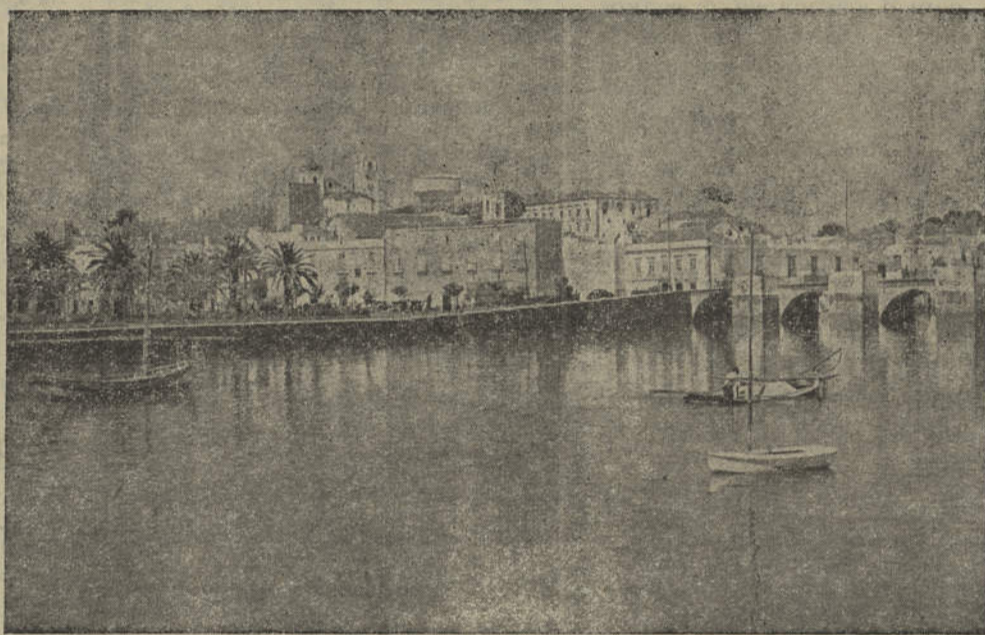
TAVIRA

ARTIGO com o título acima, que hoje damos à estampa, foi publicado em 1843, isto é, há mais de 130 anos, no jornal «O Panorama» pela primeira vez e transcrito há 33 anos no «Povo Algarvio».

Porque o referido artigo nos parece oportuno para apreciação dos tavirenses de hoje, publicamo-lo com aquele prazer que se sente ao falar das grandezas da nossa terra quer no presente, quer no passado.

Segundo uma nota da redacção que acompanhou o referido texto, a sua transcrição do «Panorama» ficou-se devendo à gentileza do sr. dr. José Alegre, que em 1940 exercia clínica em Castro Verde.

searas e os prados viçosos. São duas as freguesias, compreendendo acima de cinco mil habitantes: a de Santa Maria que fora mesquita de mouros, benta e dedicada ao Nome da Virgem, logo imediatamente à conquista, encerra o precioso



TAVIRA — Uma linda vista da cidade a espelhar-se no rio

depósito dos ossos do conquistador, D. Paio, que jazem ao lado do evangelho do altar maior, sendo para aí transportados por sua última disposição, do convento de Veléz, cabeça do mestrado da Ordem

(Continua na 2.ª página)

REPRESENTANTES PORTUGUESES NO CONGRESSO INTERNACIONAL DA «ASTA»

Este ano, o Congresso Internacional da «ASTA» — considerado o maior do seu género no Mundo Turístico — e que se efectuou na famosa Praia de Acapulco no México, contou com a presença dos srs. John Stilwell, Administrador da Sociedade Penina e da «Sointal», concessionária dos Casinos do Algarve, e Dr. Carvalho Cardoso, também Administrador da «Sointal».

Ambos se fizeram acompanhar de suas esposas e depois do Congresso da Asta, em Acapulco, seguiram directamente para os Estados Unidos da América do Norte em viagem de estudo e trabalho.

A Visita do Secretário de Estado do Trabalho e a Homenagem ao Almirante Tenreiro

A última semana pode dizer-se que foi bastante movimentada pois, para além das

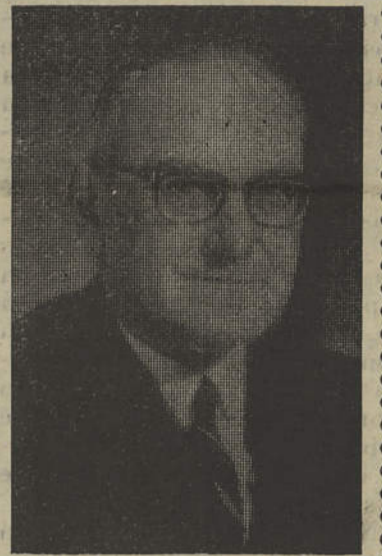
(Continua na 2.ª página)

Eleições

Como aconteceu em todo o território nacional, as eleições realizadas no passado domingo, tiveram a maior afluência às urnas de todos os tempos e assim aconteceu no Algarve, cuja percentagem de eleitores foi das mais elevadas.

Isto só vem comprovar que o povo escutou a voz de Marcello Caetano, dando-lhe mais uma vez o seu incondicional apoio para a continuação da

(Continua na 2.ª página)



FACTOS E FIGURAS DO ULTRAMAR — Pelo PROF. MARCELLO CAETANO

Por Amândio César

Do Infante D. Henrique (aquele «que descobriu o mundo» até à paixão e redenção de Timor se estende a acção desta recolha de textos do Professor Marcello Caetano. Non novum, sed nova se apresenta, pois, a presente antologia, servindo um esclarecido sentido pedagógico, ou aquele sentido pedagógico que deve estar patente em todos os volumes carismáticos, de que «Factos e Figuras do Ultramar» é testemunho exemplar.

Efectivamente teve-se em conta, antes de mais, na confecção da antologia o ponto de vista de Max Scheller, quando este filósofo se referia às

personalidades matizes que moldavam o mundo à sua semelhança. Daí que, dirigido ao surto contestatário da nossa presença no mundo, se tenha de partir do princípio, isto é: do Infante de Sagres, esse Infante «que descobriu o mundo», para se terminar na paixão e redenção de Timor, essa que se ficou a dever a portugueses saídos de todos os estratos sociais, incluindo os condenados políticos que, exemplarmente, deram sua vida e seu esforço tenaz na recuperação de uma parcela cuja portugalidade era indiscutível. Nesta linha de rumo se situam os textos do Professor Marcello Caetano, retirados estes dos volumes em que temporalmente foram integrados, como prova testemunhal das preocupações ultramarinas do Autor, nas várias funções públicas em que exerceu o seu munus.

Nestes dois polos circularam cinco séculos de história, essa história que nos afirmou como povo e que nos marcou como vanguardistas não só da conquista de espaços territoriais, mas sobretudo, como portadores de

(Continua na 2.ª página)

APONTAMENTOS por DON CARLOS

ALGUÉM me disse, em renhida conversa há poucos dias ainda, que, «se fôssemos falar em ilegalidades», isso era um nunca-acabar! Todos nós, «frisou», as cometemos, de uma maneira ou outra! E' sem dúvida, uma tristíssima admissão de culpa. E, olhando bem, talvez seja assim mesmo... Acontece, porém, que a conversa tinha, na minha intenção e segundo meu entender, uma maior ligação a assuntos de moral, isto é, a algo

que dizia respeito à formação e orientação da juventude. Contudo, se nós encaramos os factos sem qualquer forma de subterfúgio, chegamos à conclusão de que, por exemplo, quem não paga o imposto profissional, rouba ao Estado. Ora roubar é desafiar o mandamento de Deus, «Não roubarás!» E', por isso, uma questão mo-

(Continua na 3.ª página)

Vai ser Reorganizada A Orquestra Típica Algarvia

A Secção Cultural da Delegação de Faro da Cruz Vermelha Portuguesa, pretende reorganizar a sua Orquestra Típica Portuguesa, sob a gerência do Maestro João Veiga, convida todos os interessados e antigos colaboradores a comparecer na sua sede, no edifício Lethes, no dia 7 do corrente, pelas 22 horas, para troca de impressões.

Dr. António Villa Lobos

Regressou há pouco de Madrid, onde fora tomar parte num Congresso de Radiologia Internacional, o nosso prezado amigo sr. dr. António Verol Aboim Vila Lobos, distinto médico-radiologista do Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Faro.

TROVA

Às vezes o pensamento é para mim tão atroz Que até nas vozes do vento Ouço murmurar de nós.

V. P.

Terminado que foi o período eleitoral, em que muito se disse em desabono de causas e de homens, numa verdadeira poluição de que alguns espíritos mal formados se embui-

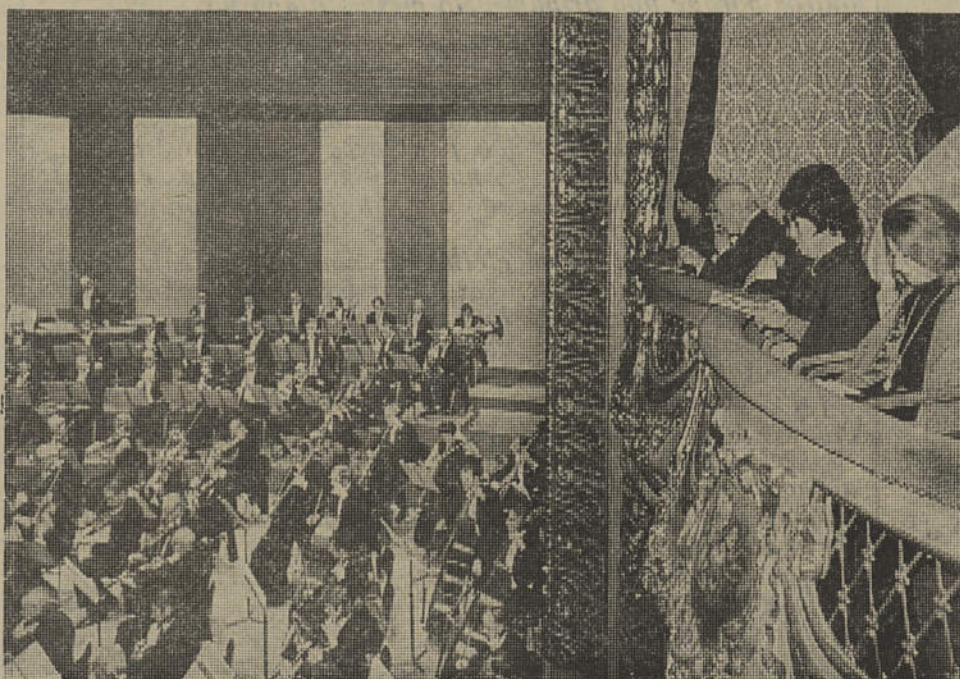
CONVERSA DA SEMANA

Palavras Oportunas

ram, voltamos à normalidade aparente. Falar com independência, criticar com dignidade, está certo, mas não procurar destruir nem ser detrador da verdade.

Como pode falar com independência quem

Continua na 2.ª página



O Chefe do Estado acompanhado por sua esposa, assistiu, no São Luís, ao concerto inaugural do Concurso Internacional Viana da Motta, no qual colaboraram a Orquestra Filarmonica de Zagreb, dirigida pelo maestro Mladen Basic, e o concertista Sequeira Costa.

APONTAMENTOS

(Continuação da 1.ª página)

ral. Está certo! Temos muito a dizer sobre este tema. Dá para uma crónica, pelo menos. Fica para um «Comentário», fica para outra ocasião. Entretanto, não posso deixar de me referir a isso, à questão do imposto profissional. Confesso que não tenho uma ideia fixa, certa, a esse respeito e terei de fazer perguntas a quem do assunto saiba melhor do que eu. Penso, mas posso estar errado, que em Portugal, como em outros países, só se paga o imposto profissional se as receitas atingem um X mínimo ao fim do ano. Não atingindo esse mínimo, bastará fazer uma declaração à Secretaria das Finanças, e até, em certos casos, nem tal declaração é preciso fazer. Mas de tudo isto falaremos, num «Comentário» em data próxima, como já disse...

* *

INCRIVEL, incompreensível, mas aconteceu!

Contou-nos uma senhora nossa amiga, enfermeira diplomada, das mais competentes que temos conhecido.

Na noite de Domingo, 28 de Outubro findo, eram cerca das 20,30 horas, viajava ela numa camioneta da «Rodoviária», de Faro a Tavira. A certa altura, entre Olhão e esta cidade, avistou-se na estrada um pequeno ajuntamento de gente e carros. «A beira da estrada, um automóvel danificado e uma motorizada esmagada. No chão, a rebolar de um lado para o outro, um indivíduo, nitidamente torturado por dores, certamente vítima do desastre. A nossa amiga, tendo observado que a ambulância ainda não tinha chegado e o indivíduo sofria; apercebendo-se de que era urgente prestar os primeiros socorros e, possivelmente, dar uma injeção que o acalmasse, que lhe reduzisse a dor, e, no caso de haver o perigo de um colapso cardíaco iminente, dar-lhe uma injeção para o evitar, dirigiu-se ao condutor da camioneta e pediu-lhe para parar e deixá-la sair. Explicou-lhe porquê, acrescentando que trazia na sua mala os medicamentos e uma seringa. O condutor disse que não podia nem devia parar. O revisor repetiu a afirmação do condutor. A camioneta não parou.

A nossa amiga ainda hoje «ferve» de indignação: «Fiquei absolutamente chocada!» «Não perdoarei», afirmou, «se o pobre homem morrer! Existirá sempre a dúvida — se me tivessem deixado cumprir o meu dever, teria ele morrido?» Deus queira que isso não aconteça, diz ela e dizemos nós!

O condutor (o «chauffeur» como é hábito dizer-se em português...) explica que não parou «porque à volta do sinistrado já havia bastante gente, alguém teria já telefonado para o 115», etc. O que dá a entender que pararia «se não houvesse ali ninguém!» «A minha imediata responsabilidade» disse o condutor, «é para com os passageiros do auto-carro por mim conduzido...»

Mas, vamos lá, se não existe lei contra isso, não teria sido mais «humano» fazer uma pequena pausa, ter tomado nota da identidade da passageira que queria desembarcar, deixá-la sair, e prosseguir? É uma pergunta. Nada mais. Por enquanto, isto é.

* *

Joaquim Mascarenhas dos Mártires é o chefe dos jardineiros da Câmara Municipal de Tavira. Estivemos a conversar com ele, quando na semana passada passámos pelo jardim à beira do Gilão e vimos que se procedia à limpeza do lago à volta do coreto. Quando lá chegámos já estava o lago qua-

se completamente limpo, faltava ainda retirar da base alguns baldes de lama espessa, negra e cheia de eirós, ou, como diz o povo, «eirózes».

«Este é o maior inimigo dos peixes», disse-nos o sr. Joaquim, segurando uma enguia — como nós no Norte lhe chamamos — que retirara de um balde semi-cheio delas. Onde há lama, esclareceu-nos, «há disto!» Para mim, continuou, «isto é uma aflição! Sei lá, tenho uma paixão por estes peixinhos do lago. Custa-me ver aqui tanto lixo, tanta lama. Mas V, dirá, como tantos outros, a culpa disto está assim, tão sujo, deve ser dos jardineiros, da Câmara até! Não bem assim. Olhe! Veja bem!» E olhei. E vi bem!

O «dumper» da Câmara ali estava a recolher o material que tinha sido retirado do lago. Incrível! Eram garrafas de cerveja, vazias, claro! Eram bocado de madeira, latas de fatias de ananás, já enferrujadas, pauzinhos de plástico, desses que se usam nos gelados «Paiper», caixas de fósforo, filtros de cigarros (centenas), etc.!

Ainda este Verão, contou-nos o sr. Joaquim, um cliente do café da esplanada foi «apanhado» em flagrante delito por um polícia, a atirar uma garrafa vazia de cerveja ou sumos para o lago. Foi multado. E bem multado. Infelizmente continuamos a viver numa sociedade em que «não havendo castigo reina a anarquia...» O que é preciso é que haja vigilância constante, e que ela seja bem aplicada. Exercendo rigor quando ele seja preciso. Tolerância, às vezes também. Mas sem exageros. Eis mais um tema para um outro «Comentário».

E por aqui ficamos, que falta o espaço. Até sábado... se Deus quiser!

Don Carlos

CORREIAS TRAPEZOIDAIS
em borracha
Casa Chaves Caminha
Avenida Rio de Janeiro, 19-B
LISBOA — Tel. 725185

Actividades da F. N. A. T.

Basquetebol

Inicia-se na corrente semana o campeonato em epígrafe, com os seguintes jogos:

Banco Algarve — Farauto
B. F. Burnay — C. T. T.
C. Previdência — B. Algarve
C. Brás — Sacor

A competição deste ano parece-nos a mais equilibrada de sempre. Há meia dúzia de conjuntos de valor sensivelmente igual o que promete um campeonato muito curioso e emotivo. Serão apuradas duas equipas para o Campeonato Nacional Corporativo.

Tênis de Mesa

Inicia-se na corrente semana o campeonato corporativo desta modalidade — 1.ª categoria. Inscritos 10 atletas a saber: João Reis, Joaquim Gomes e Rodrigo Matos, (FIAAL); Jaime Varela e Feliciano Judas, (Monte Pio Geral); Anselmo Viegas, (B. Borges & Irmão); Leonel Santos, (Sacor); Paulo Vieira, (Sind. Emp. Esct); Ernesto Silva (CTT) e Alfredo Damasco (CRP de Ferreiras)

Será que Anselmo Viegas consegue facilmente a sua terceira vitória consecutiva? Creemos que sim, ainda que as dificuldades este ano sejam um pouco maiores.

Futebol

Embora haja 15 conjuntos inscritos ainda não é possível indicar quando se iniciará a modalidade mais popular do desporto corporativo.

Noticiário diverso

Previstos para o corrente mês 6 espectáculos de música e poesia em Lagos, Messines, Conceição de Tavira, Luz de Tavira, Alte e Moncarapacho.

= Estão programados para o próximo ano — talvez em Janeiro — dois «Encontros com a Opera». Um será em Silves, o outro em Faro.

Noticias Pessoais

Fazem Anos:

Hoje — Dr.ª D. Maria Ana Faleiro Magalhães Palma Rodeia e os srs. António Pacheco de Mendonça e Fernando José dos Santos

Em 4 — D. Lúcia do Nascimento Leiria, D. Júlia dos Santos, D. Maria dos Anjos Magro Caetano Gonçalves e D. Maria Margarida Galvão Casado.

Em 5 — D. Maria Isabel B. Olímpio, D. Rita Maria Fernandes Correia Celorico, dr. Rui João de Faria Pereira e menina Isabel Maria Bernardo Pimpão.

Em 6 — Srs. Casimiro Eduardo dos Santos e Carlos Alberto Leiria Ambrósio.

Em 7 — D. Celestina Lucinda Vaz Figueiredo Cardoso, D. Maria José Brito Gago Cansado, D. Marília Mendonça Coelho da Palma Valente, srs. Sebastião Artur Santana, António Tomás Viegas Pires, meninos Carlos Manuel Carvalho Bispo, Joaquim de Oliveira Madeira e Carlos Alberto Trindade Madeira Gomes.

Em 8 — D. Maria Cândida Entrudo Viegas, D. Maria Libânia da Conceição Costa, srs. Joaquim Jerónimo de Almeida e Orlando Augusto Soares e meninas Maria José dos Mártires e Maria Irene das Candeias.

Em 9 — D. Fernanda Falcão Trindade de Carvalho Cerqueira, D. Maria das Candeias Lopes da Cruz, D. Maria Fernanda Batista Amendoira e menino João Cavaco de Sousa.

Partidas e Chegadas

No gozo de férias, esteve nesta cidade com sua esposa e filhinhos, passando uns dias, em casa de seu avô o nosso velho e prezado amigo sr. João Picoito J.º, o sr. dr. Carlos Manuel Reis Costa Picoito, Delegado do Ministério Público na comarca do Barreiro mas presentemente prestando serviço como oficial miliciano no nosso Ultramar, que nos deu o prazer da sua visita amiga.

Casamento

Celebrou-se no passado dia 27 de Outubro, na paróquia de Luz de Tavira, o enlace matrimonial do sr. António Pereira Gago, funcionário da Panificação, filho da sr.ª D. Irma Pereira Martins Gago e do sr. Luís Tomás de Sousa Gago, com a sr.ª D. Maria Gabriela Pereira Lourenço, prenda da filha da sr.ª D. Julietta da Graça Pereira e do sr. Luciano Graça Lourenço.

Paraninfirmaram o acto, por parte da noiva, a sr.ª D. Maria João Patarata Martins e o sr. José Fernandes, comerciante e, por parte do noivo, a sr.ª D. Maria Luisa Gomes Pereira, funcionária pública, em Lisboa, e o sr. António Francisco Furtado Eleuterio, proprietário.

Foi celebrante o reverendo Arsénio Aguas, prior de Luz de Tavira, que fez uma brilhante alocação aos nubentes.

Finda a cerimónia, foi servido um lauto copo de água a cerca de trezentos convidados, em casa dos pais do noivo.

Ao novo casal que fixou a sua residência em Amaro Gonçalves, desejamos muitas felicidades.

Agradecimento

Beatriz Conceição Monteiro na impossibilidade de o fazer pessoalmente, vem agradecer a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar pelo falecimento de seu marido, **Virgílio Correia Monteiro**, bem como a todos que o acompanharam no seu funeral.

NORMA

Sociedade de Estudos para o Desenvolvimento de Empresas, S. A. R. L.

Avenida 5 de Outubro, 122 — LISBOA - 1

Rua do Campo Alegre, 732-6.ª - A — PORTO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA APLICADA

Seleccionamos

para

Empresa Nossa Cliente do Algarve

TÉCNICO DE CONTAS

Os candidatos devem possuir como habilitações mínimas o Curso Comercial e estar inscrito como Técnico de Contas na DGIC; ter experiência de Contabilidade mecanizada (máquinas clássicas) e de Chefia de escritórios.

OFERECE-SE:

Vencimento de acordo com a experiência e capacidade; 13.º mês; subsídio de férias; 1 mês de férias.

Respostas para a NORMA, com «curriculum» e vencimento pretendido. Guarda-se sigilo.

Indicar a Ref.ª 965/448/P. A.

COMENTÁRIO

(Continuação da 4.ª página)

«Não tenhas medo, Amor... verdade, quero ajudar-te... Olha, eu chamo-me Carlos. E tu? Como te chamam tu?»

Mas ela continuou o seu caminho, sem olhar para mim, acanhada e com medo.

Não a quis assustar, parei e acompanhei-a com o meu olhar.

Ela também parou, mas foi só depois de atingir um velho e ferrugento portão. Trepoou o degrau, deitou a mão ao arame da campainha. Mas não o puxou. Olhou para mim.

Aproximei-me dela.

«Então, ainda estás com medo de mim? Anda, diz-me como te chamam...»

Fitaram-me os grandes olhos castanhos. Pareceu-me que tentou sorrir e não o conseguiu. Mas é que aquela criança nem sabia sorrir...

«Eu... eu sou a Natividade, sr. Carlos!»

«Natividade! Que lindo nome o teu E... moras aqui?»

Pequenos Apontamentos

(Continuação da 4.ª página)

que são autênticas vassouras deixando a perder de vista as que as cigarras usam.

De quem temos pena é dos barbeiros pela escassez que devem ter de fregueses. Em plena euforia de liberdade os cabelos tomam os mais fantasmagóricas criações.

Voltámos já ao escurecer pelo carro do Carmo e no largo bandos de pombos arrulham e debicam algum grão no chão. Uma menininha andava por entre elas de braços abertos como quem também queria vultear.

E com esta imagem fechamos as notas da nossa romagem.

TRINDADE E LIMA

Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Faro Pessoal de Enfermagem Distrito de Faro

Aceitam-se inscrições de Enfermeiros/as e Auxiliares de Enfermagem para exercício de funções em Postos Clínicos situados neste distrito.

Dirigir requerimentos à Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Faro, rua Infante D. Henrique, n.º 34, em Faro.

Faro, 30 de Outubro de 1973

A DIRECÇÃO

«Sim, sr. Carlos. Estou aqui, no Lar... E apontou com o dedo para cima, para o alto do portão.

Ali, em letras de ferro, lia-se «Lar da Criança»...

Sim, se essas letras de ferro não eram, pareciam!

Essa foi a razão da minha primeira visita ao antigo «Lar da Criança». Fiz outras. E o que vi, o que senti, foi o que qualquer ser humano (menos «forte», talvez!) sentiria.

Como essas crianças viviam, o que elas comiam, até os pratos de lata que elas usavam — tudo conjugava miséria e abandono. Era preciso arranjar mais roupa, sapatos, peúgas, mantas... Com o Natal às portas, ainda por cima! E comida? Algo mais substancial, algo mais sólido... em vez dessa dieta de farinha de milho para almoço e jantar!

Atordado, saí do «Lar da Criança», depois de ter impulsiva e irreflexivamente prometido à Natividade e às outras crianças que «pele Natal, teriam roupa e mantas e peúgas e chocolates e frango assado...» Mas como? Procurei «refúgio», uma espécie de «asil político» no Cine Café do sr. Lopes, aqui na Corredoura. Pedi um caracol fraco e a ferver e um «Miss Abolengos», uma bebida dessas que reanimam, já se sabe!

E foi ali que nasceu a ideia. Um espectáculo naquele teatro. Amadores e profissionais. O lucro seria «in toto» para dar a essas crianças um Natal menos triste, menos frio. Foi no Café do sr. Lopes que lancei o apelo. E em pouco tempo tinha à minha volta rapazes e raparigas do Liceu e da Escola Técnica. A ideia amadureceu e começou a concretizar-se no Restaurante «Mira» também na Corredoura, da Família Amaro. O meu «braço direito» na organização foram o Rui da Costa, filho do meu bom amigo dr. Cupertino Costa, e a Zulmira Amaro. Sem estes dois, é bem possível que o espectáculo se não tivesse realizado... Mas o teatro não se encheu. Os lucros foram poucos. Mas, mesmo assim, compramos roupas, cobertores, sabonetes, sapatos, lençóis, e até, para a árvore de Natal que se armou no Restaurante «Mira», rebuçados e bonecas. Algumas dessas crianças nunca tinham tido uma boneca... Se valeu a pena? Foi a primeira vez que vi a Natividade sorrir um sorriso tão feliz! Foi quando ela abriu a embalagem e dentro da caixa encontrou uma boneca quase tão alta como ela... Não teríamos podido comprar metade do que comprámos se não tivesse sido a boa-vontade do sr. Martins Dias, que disse logo aos empregados: «Tudo o que este senhor quiser comprar para as crianças... a meio-preço, pronto!»

Sim, no Natal de 1971, as crianças do «Lar» tiveram um dia alegre, muito alegre mesmo. E foram Tavirenses, quase todos, que o tornaram possível. E é justo, é preciso lembrar isso...

(Fim do Capítulo 1)

Don Carlos

Promoção

Foi promovido a agente sanitário de 1.ª classe, ficando a prestar serviço no concelho de Tavira, o sr. Humberto Rosa Fernandes Simão.

LEIA E DIVULGUE O «POVO ALGARVIO»

